

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Curso de Pedagogia

MIRIÃ SOARES CIAPARIN

**O PAPEL DA INTERAÇÃO AFETIVA ENTRE
PROFESSOR-ALUNO NA ALFABETIZAÇÃO NA
PERSPECTIVA DE PROFESSORAS EM FORMAÇÃO
INICIAL**

Itatiba
2020

Miriã Soares Ciaparin - R. A. 002201700123

**O PAPEL DA INTERAÇÃO AFETIVA ENTRE
PROFESSOR-ALUNO NA ALFABETIZAÇÃO NA
PERSPECTIVA DE PROFESSORAS EM FORMAÇÃO
INICIAL**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade São
Francisco, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Juliana Bacan
Zani.

Itatiba
2020

Aos meus pais, Agnaldo e Luciana,
por estarem juntos comigo na realização desse sonho.

À minha irmã e meu cunhado, Priscila e Felipe,
por me ajudarem na minha caminhada profissional.

Às minhas orientadoras, Cláudia Abreu e Juliana Bacan,
por me instruírem e terem me ajudado a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me capacitado durante esses anos, me dando fé e muita paciência para enfrentar os obstáculos que apareciam em meu caminho.

A Universidade que abriu um caminho de novas oportunidades em minha jornada.

A todos os docentes que contribuíram em minha vida, à Professora Claudia de Jesus Abreu Feitoza, que iniciou comigo em meu projeto inicial do TCC e, especialmente a minha orientadora Juliana Bacan Zani, por todas as correções, suporte, apoio e acompanhamento que recebi nesse último ano.

Aos meus pais, irmã e cunhado, por toda a compreensão que tiveram comigo e por sempre me entenderem em meus momentos de ausência. Obrigada por sempre me darem forças e por acreditarem em mim.

As minhas grandes amigas e parceiras de jornada, que nesses quatro anos, me incentivaram e me ajudaram a crescer ainda mais.

E a todos que, de alguma forma contribuíram em minha jornada.

*“Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é
leva-la a perder a confiança na sua própria capacidade de
pensar”.*

(Emília Ferrero, 2008)

CIAPARIN. Miriã Soares. O Papel da Interação Afetiva entre Professor-Aluno na Alfabetização na Perspectiva de Professoras em Formação Inicial. Monografia – Curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, 2020.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar a importância da interação afetiva entre o professor-aluno no processo de alfabetização, de modo que, os futuros docentes, entendam que é possível, sim, ter esse ambiente afetivo dentro de uma sala de aula. A metodologia utilizada foi por meio de entrevista narrativa. A palavra Narrativa vem do latim, *narrare*, que significa relatar, contar uma história, e é isso o que iremos fazer neste trabalho, utilizaremos a entrevista narrativa de Jovchelovtch (2015) e Bauer (2015), para que as experiências e vivências das futuras professoras possam ser refletidas e compartilhadas. Dessa forma, participaram desta pesquisa quatro alunas, do 8º Semestre, do curso de Pedagogia, de uma instituição particular no interior de São Paulo. As participantes trazem para nós grandes aprendizados, nas quais, vivenciaram em suas trajetórias escolar e profissional e, cada uma traz os seus argumentos sobre esse tema central de alfabetização e afetividade. Com isso, podemos ter um momento de diálogo com a teoria, abordada na fundamentação teórica, e entre, toda a pesquisa apresentada, através da metodologia. Esse trabalho obteve seus resultados atingidos, pois esperávamos que as participantes realmente, trouxessem para nós relatos de como a importância da afetividade faz toda a diferença no processo inicial de toda a criança, que é o processo de alfabetização. Espera-se com esta pesquisa contribuir de forma satisfatória na vida do profissional, de modo que ele entenda a importância do seu papel afetivo na vida do aluno que está em sua fase inicial da alfabetização, desenvolvendo essa interação afetiva no processo de ensino.

Palavras-chave: alfabetização; afetividade; interação professor-aluno; desenvolvimento.

ABSTRACT

This work aims to address the importance of affective interaction between the teacher-student in the literacy process, so that future teachers understand that it is possible, yes, to have this affective environment within a classroom. The methodology used was through narrative interview. The word Narrative comes from the Latin, *narrare*, which means to report, to tell a story, and that is what we will do in this work, we will use the narrative interview of Jovchelovtch (2015) and Bauer (2015), so that the experiences and experiences of the future teachers can be reflected and shared. Thus, four students from the 8th Semester of the Pedagogy course participated in this research, from a private institution in the interior of São Paulo. The participants bring us great learnings, in which they experienced their school and professional trajectories and, each one brings their arguments on this central theme of literacy and affectivity. With that, we can have a moment of dialogue with the theory, addressed in the theoretical foundation, and between, all the research presented, through the methodology. This work got its results achieved, because we expected the participants to really bring us reports of how the importance of affectivity makes all the difference in the initial process of every child, which is the literacy process. This research is expected to contribute satisfactorily to the professional's life, so that he understands the importance of his affective role in the life of the student who is in his initial literacy phase, developing this affective interaction in the teaching process.

Keywords: literacy; affectivity; teacher-student interaction; development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	12
1.2 AFETIVIDADE	17
1.3 VIVÊNCIAS DAS INTERAÇÕES PROFESSOR-ALUNO NA ALFABETIZAÇÃO	20
2. METODOLOGIA	24
2.1 – ABORDAGEM METODOLÓGICA	24
2.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA	25
2.3 – PROCEDIMENTO PARA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	27
3. ANÁLISE E RESULTADOS	29
3.1 AS RELAÇÕES AFETIVAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	29
3.2 AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM A ALFABETIZAÇÃO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40
ANEXO	42
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª VIA)	42

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo abordar a importância da interação afetiva entre professor-aluno no processo de alfabetização, de modo que, os futuros docentes, entendam que é possível, sim, ter esse ambiente afetivo dentro de uma sala de aula.

A temática abordada surge com a dificuldade que as crianças apresentam na aprendizagem e no processo de alfabetização, e como se dá a relação afetiva neste processo. Através de minhas experiências durante o meu período escolar na Educação Infantil, Ensino Fundamental e com o meu estágio remunerado e supervisionado, pude observar a diferença entre professores que interagem com seus alunos demonstrando afeto (respeitando e considerando a necessidade de cada um na hora de ensinar, tendo paciência na hora de explicar as tarefas da sala de aula, retomando o assunto quantas vezes for necessário) e, professores que não demonstram afeto no momento de ensinar e de interação com os alunos (gritando na hora de ensinar, mandando o aluno sentar só por ter levantado do seu lugar para tirar as suas dúvidas, explicando as tarefas apenas uma vez, sendo considerado suficiente; se o aluno aprendeu ou não, para ele, tanto faz).

Diante dessas percepções, relato alguns momentos vivenciados em minha jornada escolar, como estudante e, em minha jornada profissional, iniciando como estagiária.

Em minha jornada como estudante ocorrida no Infantil II e no Pré, entre 5 e 7 anos de idade, no ano de 2001 e 2002, tive a oportunidade de ter a mesma professora nessa minha fase inicial de aprendizagem e alfabetização. Que professora incrível, com um lindo sorriso que me encantava todos os dias e o amor não faltava ali, vivia rodeada de crianças. Em todas as aulas, no momento da história, uma criança sentava em seu colo. Com ela aprendi as letras, entrei nesse mundo fantástico da leitura e da escrita. Com ela fui alfabetizada.

Entretanto, no Ensino Fundamental, no ano de 2003, eu era uma criança que falava muito e nunca conseguia terminar minhas lições na sala de aula, precisando sempre levar os cadernos dos meus colegas para casa para poder realizar as tarefas. E um dia, enquanto eu conversava, a minha professora deu um “berro”, na frente de todos os alunos, dizendo que quem ficasse atrasado, não iria mais levar os cadernos dos colegas para casa. Depois desse dia, eu me tornei a aluna mais quieta da escola, não

abria mais a minha boca para nada, apenas para responder a chamada, passando o Ensino Fundamental I e II de uma forma bem tímida e quieta, sendo chamada por todos de “CdF”, ou seja, Cabeça de Ferro, um apelido para aqueles que eram inteligentes, mas também era como se fosse um bullying, pois os colegas só conversavam comigo para obterem as respostas das lições. Essa fase foi bem difícil na minha vida, mas ao ir para o meu Ensino Médio, no ano de 2011, as coisas começaram a mudar, afinal de contas, a escola era nova e os alunos também e, pude me sentir mais aceita.

Já em minha jornada profissional, no ano de 2017, foi um pouco diferente, os alunos da sala que eu era auxiliar tinham entre 5 e 6 anos de idade, na fase inicial da pré-alfabetização. A maioria dos alunos apresentavam facilidade no processo de alfabetização, no total de 14 alunos, apenas 5 tinham mais dificuldade para reconhecer uma letra do alfabeto ou até mesmo para reconhecer o seu próprio nome ou o nome dos colegas. A professora dessa turma, não demonstrava empatia, e, muitas vezes, dava mais atenção aos que apresentavam facilidades no processo de aprendizagem, não se importando com os que tinham dificuldades

Como a professora não tinha paciência para ensinar os alunos que possuíam dificuldade, eles acabavam ficando sob a minha responsabilidade, muitas vezes, nos reuníamos em uma mesa, separado dos demais alunos, e ali eu ficava e explicava as atividades quantas vezes fosse preciso, até conseguirem entender e finalizarem as suas tarefas. Porém, nem sempre era possível acompanhá-los, pois eu também auxiliava uma criança Autista em suas atividades e nas adaptações das mesmas.

Outro fato marcante durante essa experiência foram os gritos. Demonstrando pouca paciência em explicar uma atividade, acelerando os alunos, apresentando uma postura autoritária. Em decorrência à essas duas experiências que eu tive, pude perceber a diferença e influência que cada postura e construção das relações de afeto podem interferir no processo de aprendizagem, principalmente, na alfabetização. De um lado, a professora que ensinava com amor, que se posicionava quando alguém estava errado, mas ela não gritava, ela dialogava com seu aluno, ali havia uma interação, uma relação professor-aluno que era muito especial. E do outro lado, uma professora que já nem sabia o porquê de estar trabalhando em uma escola, que tinha seus preferidos, mas que não tinha afeto com relação a todos, perdia a paciência quando alguém não entendia a matéria e tentava ensinar aos berros.

Essas experiências me moveram a buscar mais informações sobre a importância da empatia e a boa relação professor-aluno, uma vez que, até hoje tenho o contato com a minha professora alfabetizadora. Ela me inspirou e ainda me inspira.

Sendo assim, este trabalho iniciou-se com aprofundamento da temática em pesquisas de sites acadêmicos e na própria Biblioteca da Universidade São Francisco. Iniciei a minha pesquisa no Banco CAPES, na qual, foram encontradas diversas dissertações e teses com os temas de afetividade e interação professor-aluno nesse contexto alfabetizador, para que assim, pudesse basear meus argumentos e pensamentos sobre essa temática.

No Google Acadêmico também foram realizadas algumas pesquisas, nas quais foram encontrados artigos e monografias de acordo com o tema e contexto deste Trabalho Acadêmico. Já no site da Scielo não foram encontrados artigos sobre a temática em questão, bem como no site da Anped, sendo realizada a última pesquisa, no ano de 2017 e apresentado na 37ª Reunião Nacional nos GTs 6 (Educação Popular), 13 (Educação Fundamental) e 20 (Psicologia da Educação). Seguindo com a pesquisa, no ano de 2015, com a 36ª Reunião Nacional, e nada foi encontrado. As buscas foram realizadas por meio das palavras chave: afetividade, alfabetização e interação professor-aluno, de acordo com a temática deste projeto.

Na biblioteca da Universidade São Francisco, buscamos livros com os mesmos temas, mas dentre alguns vistos, os assuntos que eram tratados nos livros não eram assuntos que ajudariam no desenvolvimento deste trabalho, pois o foco maior se recaía apenas ao processo de alfabetização, não evidenciando a importância da relação afetiva entre professores e alunos

No decorrer deste trabalho, espera-se contribuir na vida profissional do professor alfabetizador, em seus métodos de dar aulas e em suas atitudes e sentimentos demonstrados pelos alunos, ajudando-os a interagirem com as crianças por meio de um ensino mais afetivo. Considerando que é possível ter um ambiente de sala de aula em que o aluno seja ensinado e alfabetizado, mas que ao mesmo tempo haja uma interação de forma positiva com seus alunos, cativando a atenção dos professores para a importância de ensinar com afeto.

Espera-se também proporcionar uma reflexão sobre a relação com a criança de uma forma amorosa, ajudando-a a construir e a desenvolver seus conhecimentos cognitivos de uma forma intelectual, social e sentimental, tanto em sua interação com o professor, quanto na interação com os seus colegas de classe.

As diferentes relações professor-aluno podem interferir de forma positiva ou negativa no processo de alfabetização, sendo ele, uma fase de adaptação das crianças, pois elas estão indo para um ambiente novo, saindo da Educação Infantil, onde todos sentavam em rodas, era um lugar cheio de brincadeiras, dinâmicas e ludicidades, mas que agora estão indo para o Ensino Fundamental, o qual os momentos de brincadeiras não são mais os principais atos de aprendizagem.

Logo, a escolha desse tema tem por finalidade mostrar ao leitor (professores, estudantes de Pedagogia, profissionais da Educação, da Psicologia, ou até mesmo outras áreas que se interessam pelo tema tratado), o quanto é possível interagir com seu aluno com afeto.

Neste trabalho, além de, compartilhar um pouco sobre as minhas experiências com a afetividade na alfabetização, buscamos novos olhares sobre esse assunto, compartilhando as experiências de outras alunas do curso de Pedagogia, da Universidade São Francisco, abordando as suas relações de acordo com esse tema, ou seja, qual foi a relação que tiveram com a alfabetização e essa interação professor-aluno no decorrer do seu processo escolar. Para isso, foi realizada uma entrevista narrativa com quatro professoras em formação inicial. Este estudo partiu de duas questões como base: 1) Como a relação professor-aluno pode contribuir no processo de alfabetização? 2) Como favorecer um ambiente afetivo dentro da sala de aula e tratar da alfabetização ao mesmo tempo?

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo pessoas, foi necessário enviar o Projeto de Pesquisa ao Comitê de Ética e os dados só foram coletados a partir da aprovação, sob o processo nº 33102820.5.0000.5514.

Este trabalho está organizado em 3 capítulos. No primeiro capítulo abordamos a Fundamentação Teórica, trazendo o seu conceito de Alfabetização e Letramento, Afetividade e sobre as vivências das interações professor-aluno. No segundo capítulo apresentamos a Metodologia, apontando a abordagem metodológica adotada bem como o contexto e os participantes da pesquisa. Por fim, tratamos sobre os procedimentos para a coleta de dados. No terceiro capítulo apresentamos a análise e os resultados obtidos nesta pesquisa, abordando as relações afetivas no processo de alfabetização e relatando as primeiras experiências das participantes com a alfabetização. E para finalizar faremos as conclusões, retomando nossos objetivos, hipóteses e considerações relevantes para futuras pesquisas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como a relação professor-aluno pode contribuir no processo de alfabetização? Como favorecer um ambiente afetivo dentro da sala de aula e falar em alfabetização ao mesmo tempo? Neste capítulo abordaremos conceitos sobre a Alfabetização e o Letramento, a Afetividade e as vivências de interação entre Professor-Aluno, em nosso contexto teórico, e como as crianças podem ser impactadas através dessa relação. Para isso, na primeira parte trataremos sobre o conceito mais amplo de Alfabetização e Letramento, trazendo conceitos teóricos sobre a revolução da alfabetização e seus significados, bem como a concepção de Letramento, baseando-se em Angela B. Kleiman (2005), Luiz Carlos Cagliari (2009), Magda Soares (1986; 2004), dentre outros. A segunda parte discutiremos sobre a afetividade do professor, durante o processo de alfabetização e letramento, e do quão importante é essa relação afetiva entre professor e aluno. Para isso, faremos para a discussão as teorias de Jean Piaget (1978; 1990; 1994) e Henri Wallon (1974, 1975, 1979). E, para finalizar este capítulo, em sua terceira parte, apresentaremos qual é o papel do professor nessas interações e relações afetivas.

1.1 Alfabetização e Letramento

O que é Alfabetização e Letramento? Qual a diferença entre os dois? Podemos considerar a Alfabetização como o processo de aprendizagem em que a criança vai aprender as letras do alfabeto e vai começar a identificá-las até formarem sílabas, palavras e frases. Esse é o processo em que o aluno começa a aprender a ler e a escrever. Segundo Cagliari (2009, p.14), a Alfabetização “é a atividade escolar mais antiga da humanidade”, pois ela já existia desde a época das cavernas, há muito tempo atrás. Já o Letramento é bem mais profundo que a Alfabetização, mas ambas fazem parte do mesmo processo do aluno que é de ler e escrever.

Mas então, o que é Letramento? O Letramento é a criança saber o que fazer com essas letras e palavras depois de aprender a ler e a escrever, pois ela terá que interpretar cada frase lida em um texto, tendo uma compreensão no que está sendo lido. De acordo com Kleiman (2005), Letramento “envolve a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita” (KLEIMAN, 2005, p. 9). Alfabetização é como se fosse o

primeiro engatinhar de uma criança até começar a dar os seus primeiros passos, já o Letramento, é como se a criança estivesse começando a andar sozinha, tendo um domínio sobre as suas pernas, sabendo o caminho em que quer trilhar. A criança compreende qual é a função social da escrita e como utilizá-la nas diferentes situações cotidianas. Para a Alfabetização chegar no lugar em que ela está hoje, foi necessário passar por várias transformações. Inicialmente, a Alfabetização era com desenhos e símbolos e, cada um deles tinha um significado, sendo uma letra, um número e até mesmo uma palavra ou até uma frase completa. Cagliari (2009), em seu livro “Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu”, aborda sobre essa revolução da Alfabetização, nos explicando melhor sobre como era realizada essa Alfabetização com símbolos

Ser alfabetizado significava saber ler o que aqueles símbolos significavam e ser capazes de escrevê-los, repetindo um modelo mais ou menos padronizado, mesmo porque o que se escrevia era apenas um tipo de documento ou texto. Com a expansão do sistema de escrita, a quantidade de informações necessárias para que alguém soubesse ler e escrever aumentou consideravelmente, o que obrigou as pessoas a abandonar o sistema de símbolos para representar coisas e a usar cada vez mais símbolos que representassem sons da fala, como, por exemplo, as sílabas. (CAGLIARI, 2009 , p. 16)

Dessa forma, para o autor, na Antiguidade as crianças eram alfabetizadas, inicialmente, com palavras, e depois através dos textos famosos da época. Hoje em dia, não somos alfabetizados por desenhos e nem por símbolos, temos a nossa própria linguagem e o nosso alfabeto brasileiro, cada país tem a sua língua e o seu alfabeto, utilizado no processo de alfabetização.

Segundo Magda Soares (2003), a alfabetização é de uso comum e frequente, em que se conceitua “o processo de ensinar a ler e a escrever” e, atualmente, a alfabetização é entendida como a aprendizagem de um sistema de representação da cadeia sonora da fala pela forma gráfica da escrita - o sistema alfabético - e das normas que regem seu emprego. Em síntese, para a autora, alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que é representada por grafemas, os fonemas da fala. Logo, a alfabetização deve integrar-se com o desenvolvimento das habilidades de uso do sistema alfabético.

Na década de 80, Leite (2006) afirma que as cartilhas eram as sensações do momento para o processo de Alfabetização, sendo este, um método tradicional de ensino “neste sentido, ler e escrever eram reduzidos a atividades de codificação e decodificação” (LEITE, 2006, p.452).

Para os neuropediatras, esse período de Alfabetização acontece entre os 4 e 7 ou 8 anos de idade da criança, no início da pré-escola até o seu segundo ano do Ensino Fundamental.

O processo de alfabetização e de letramento começa antes do ingresso da criança na escola, junto com a sua família e, o seu processo formal, é iniciado com o ingresso da criança na escola, mas todo esse processo tem o seu início, muito antes de estar na escola. Tanto em casa, quanto na escola, elas são ensinadas a conhecerem e reconhecerem as letras do alfabeto, os seus nomes, os nomes dos amigos e até dos seus professores (as), dando início, então, em seu processo de Alfabetização, claro que de uma maneira mais lúdica para essa fase inicial da criança.

A Alfabetização vai muito além do que apenas ensinar as letras e palavras para as crianças, envolve também, todo o afeto do professor com o seu aluno, principalmente nos métodos que são utilizados na alfabetização, sendo: o Método Sintético, desde 1880, construído por Antônio Silva Jardim, em que o aluno, vai sendo ensinado através das letras, depois pelas palavras, frases, até chegar nos textos, envolvendo o Método Fônico, em que o aluno é conduzido pelo professor ao reconhecimento das letras, sílabas e palavras, através dos sons reproduzidos por sua boca, atraindo toda a atenção da criança para si, contribuindo assim, o avanço do aluno em relação à leitura e a escrita.; o Método Analítico, o mesmo que o Método Global, desde 1920, em que as crianças são alfabetizadas através dos textos, para depois chegar nas partes, decompondo-o em frase, palavras e sílabas. Neste método o professor incentiva os alunos a trocar experiências entre eles e com ele próprio, fazendo as mediações necessárias Para Leite (2006):

a Alfabetização deve centrar-se na relação dialógica entre o aluno , o professor e seus demais colegas: tal característica se justifica na medida em que se assume um modelo teórico de construção de conhecimento a partir das relações que se estabelecem entre o sujeito (aluno) e o objeto do conhecimento (a escrita); no entanto, essa relação é sempre mediada por diversos agentes culturais, sendo que, em sala de aula, o mais importante deve ser o professor, embora não seja o único mediador presente na situação; (LEITE, 2006, p. 456)

Ainda sobre o processo de alfabetização, Moreira (2009, p. 362-363), destaca o pensamento de Emília Ferreiro (1999-2004), sobre as fases da aprendizagem. Para a autora, primeiro, temos a Hipótese Pré-Silábica, em que a escrita é formada por símbolos e letras que a criança já conhece, para que assim, ela possa representar a sua

escrita da maneira que ela quiser. Na Fase Silábica, a criança começa a perceber que sua escrita se baseia no som que a sílaba produz. Na Fase Silábico-Alfabético, a criança percebe que as letras são representadas pelos sons, não apenas pelas sílabas, mas também, pelo fonema. Já a Alfabética, é quando a criança é capaz de compreender que todas as letras são representadas por um fonema.

Logo, o processo de alfabetização

[...] possibilita a aquisição do sistema convencional da escrita alfabética e ortográfica, ou seja, o domínio da tecnologia da escrita, necessário para o seu uso funcional. Isso implica a consciência fonológica, as relações grafema – fonema e todo o conhecimento necessário para o uso da escrita enquanto código. (LEITE, 2006, p. 455)

Mediante a esse processo da Alfabetização, Leite (2006, p. 457) afirma que “as práticas de Alfabetização devem ser desenvolvidas num ambiente afetivamente favorável, através de relações emocionais positivas, evitando-se situações aversivas ou ameaçadoras”. Em relação a essa mediação pedagógica, nesse processo de ensino, esse mesmo autor nos relata que “dependendo de como for desenvolvida, produz impactos afetivos positivos ou negativos, na relação que se estabelece entre os alunos e os diversos conteúdos escolares desenvolvidos” (LEITE, 2012, p. 356). Sendo assim, quando falamos de Alfabetização, Letramento, ou qualquer outro tipo de aprendizagem, devemos tomar muito cuidado com a forma que esses métodos e conceitos estão sendo ensinados e impactados nossos alunos.

Não basta apenas Alfabetizar a criança, não basta apenas ensinar as letras e ensiná-las a lerem, é necessário ir mais além, letrá-las, para que elas tenham domínio sobre as letras e palavras. Então, o que é Letramento?

De acordo com Kleiman (1995), Letramento é “o conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em conceitos específicos, para objetivos específicos” (Kleiman, 1995, apud Leite, 2006, p. 453). Para Soares (1998), Letramento é “o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e a escrever” (Soares, 1998, apud Leite, 2006, p. 453). Ou seja, o Letramento está no domínio da escrita e de sua compreensão na leitura de um texto, abrangendo “o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas” (KLEIMAN, 2005, p. 21).

Segundo Soares (1986; 2004), Letramento surgiu no anos 80, se associando ao termo de alfabetização.

para designar uma aprendizagem inicial da língua escrita entendida não apenas como a aquisição do sistema alfabético e suas convenções, mas também como a introdução da criança às práticas sociais da língua escrita, ou, mais amplamente, à cultura do escrito (SOARES, 1986; 2004)

Menezes (2006, p.44) acrescenta sobre o conceito de Letramento como “a ação de letrar, ou seja, é a condição de um grupo social ou mesmo de um indivíduo se apropriar da escrita e de suas práticas sociais”.

Ao observarmos esses dois conceitos, tanto de alfabetização, quanto de letramento, vemos que ambas andam juntas, não tendo o mesmo significado, mas possuindo seus devidos papéis. Soares (2004) afirma que:

alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (SOARES, 2004, apud MENEZES, 2006, p. 44)

Alfabetização não é melhor que o Letramento e Letramento não é melhor que Alfabetização, mas uma completa a outra no ambiente da leitura e da escrita. É necessário a criança ser alfabetizada, ter reconhecimento das letras do alfabeto, saber ouvir o som que cada uma faz e começar a ler cada letra e cada palavra, para que assim, ela possa desenvolver as habilidades da alfabetização no Letramento, ao se aprofundar mais no mundo da leitura e da escrita.

Logo, alfabetização é uma das “práticas de letramento que faz parte do conjunto de práticas sociais de uso da escrita da instituição escolar” (KLEIMAN, 2005, p. 12). Essa prática, segundo a autora é preciso ser ensinada e de maneira sistemática. Sendo assim, a alfabetização é indissociável do letramento e estes precisam de um ambiente propício para que o processo aconteça.

A Alfabetização e a Afetividade fazem parte de um mesmo processo na vida da criança. De acordo com Menezes (2006, p. 63), “a criança, à medida que aprende a ler e a escrever está se desenvolvendo, ampliando e diversificando capacidades e habilidades

que dependem de processos cognitivos e afetivos”. A seguir abordaremos mais sobre esse tema da afetividade e de sua importância na vida de um indivíduo em seu processo de leitura e escrita.

1.2 Afetividade

Como a criança se desenvolve? Como deve ser o ambiente de ensino? Para que a criança possa se desenvolver, é necessário que ela esteja em um ambiente de equilíbrio, mas com novos desafios, ou seja, em um ambiente que “possibilita situações novas e, desafiadoras e conflitantes ao indivíduo causando-lhe desequilíbrios, que são necessários para o avanço do seu desenvolvimento” (FILHO et al 2009, p.31). Dessa forma, para a criança se desenvolver em seu processo escolar de ensino e de aprendizagem, depende muito do meio ambiente em que ela está.

E como acontece esse desenvolvimento da criança? Filho et al (2009), abordam sobre esse assunto trazendo as concepções de alguns autores, dentre eles, Piaget (1978; 1990), que diz sobre o aspecto psicológico e o aspecto psicossocial.

O aspecto psicológico/espontâneo [...] se configura por aquilo tudo que a criança aprende por si mesma na sua relação com o ambiente e lança mão de seus sentidos inatos para estabelecer essa relação com o mundo ao seu redor. Já o aspecto psicossocial está nas relações sociais que o indivíduo estabelece ao longo de seu desenvolvimento, as quais iniciam na família e se estendem para a escola, para o grupo de amigos, etc. [...] Representado por tudo aquilo que o indivíduo aprende por transmissão, a partir do outro ser humano. (PIAGET, 1978; 1990; apud FILHO et al, 2009, p. 33)

Em síntese, enquanto no aspecto psicológico a criança aprende e se desenvolve sozinha, através do ambiente em que está inserida e de suas vivências, no aspecto psicossocial a criança aprende e desenvolve suas relações sociais, com as pessoas de seu convívio.

Filho et al (2009), abordam os estágios de desenvolvimento cognitivo da criança, segundo os pensamentos de Piaget (1978; 1990; 1994) e, um desses estágios é o da representação pré-operatória, iniciando a partir dos seus dois anos de idade, permanecendo nessa fase até seus sete ou oito anos de idade, sendo o início do desenvolvimento da linguagem da criança. Conforme ela desenvolve a sua linguagem, ela também desenvolve o seu pensamento (PIAGET, 1978; 1990; 1994 apud FILHO et al, 2009, p. 35).

Para discutir a importância da interação da criança com o adulto para o desenvolvimento, Filho et al (2009) apoiam-se em Luria (1987) que afirma: “no início a criança deve se subordinar à instrução verbal do adulto para nas etapas seguintes, estar em condições de transformar essa atividade ‘interpsicológica’ em um processo interno ‘intrapésíquico’ de autorregulação [...]” (LURIA, 1987 apud FILHO et al 2009, p. 42). Mas já para Vigotski (1993) “o pensamento nasce através das palavras” (VYGOTSKY, 1993, apud FILHO et al 2009, p. 44), ao contrário de Piaget (1978; 1990; 1994). Wallon (1974, 1975, 1979) também traz seus estágios do desenvolvimento, na qual abordaremos em relação a faixa etária de 3 à 11 anos de idade. Dos 3 aos 6 anos de idade, Wallon, chama esse estágio de Personalismo, sendo

a predominância do conjunto afetivo e, da direção centrípeta. É marcado pela exploração de si mesmo como um ser diferente dos demais, a construção da subjetividade por meio das atividades de oposição e, ao mesmo tempo, de sedução e imitação. (WALLON, 1974, 1975, 1979; apud FILHO et al 2009, p. 50).

Já dos 6 até os 11 anos de idade, o estágio é chamado de Categorical, na qual,

existe a predominância do conjunto cognitivo e da direção centrífuga. Neste momento a criança consegue, pelas atividades do pensamento, organizar o mundo em categorias mais definidas que, por sua vez, permitem uma melhor compreensão dela mesma. (WALLON, 1974, 1975, 1979; apud FILHO et al 2009, p. 50)

O que seria essa direção centrípeta e direção centrífuga? Esses termos também estão relacionados nessa teoria walloniana e, quando o autor cita Direção Centrípeta está “voltado para o conhecimento de si” (WALLON, 1974, 1975, 1979; apud FILHO et al 2009, p. 49) e, quando ele diz Direção Centrífuga é “quando está voltado para o conhecimento do mundo exterior” (WALLON, 1974, 1975, 1979; apud FILHO et al 2009, p. 49).

Sendo assim, o que seria a afetividade? Dantas (1990) explica essa palavra através dos conceitos da Teoria de Wallon, que são:

[...] processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas da emoção. É um processo corporal e centrípeta que obriga a consciência a se voltar para as alterações interno e proprioceptivas que acompanham, e prejudica a percepção do exterior. Caracteriza não o processo relacional, mas o fechamento da consciência sobre si. (DANTAS, 1990, apud MENEZES, 2006, p. 62)

Segundo Piaget (1896-1980), “a afetividade interfere na inteligência da criança, podendo causar acelerações ou retardos no seu desenvolvimento intelectual” (PIAGET, 2014, p. 37), por isso, a afetividade está ligada à alfabetização, pois não tem como alfabetizar se não tiver afeto e um incentivo do seu professor, construindo um ambiente em que a criança possa se sentir segura, desenvolvendo sua autoconfiança.

Wallon (1979) colocou a afetividade como um dos aspectos centrais do desenvolvimento e, a partir dessa perspectiva, o desenvolvimento da criança é representado por vários estágios e, um deles é chamado de Personalismo, que além da criança estar construindo a sua própria identidade, está na fase da alfabetização. Através dos estudos realizados nessa perspectiva, Araújo (2014, p. 29) considera “muito importante nesta etapa a afetividade do professor, por meio desta dimensão de desenvolvimento do ser humano a criança abrirá possibilidade de aprendizagem em outras áreas [...]”. Ou seja, a interação da criança com o outro, a levará a novos caminhos para a aprendizagem.

De acordo com essa mesma autora

o desenvolvimento afetivo entre os pares, neste caso, professor-aluno, fica no âmbito mais psíquico do ser humano, no entanto, a linguagem é uma das formas de se perceber como está ocorrendo o desenvolvimento intelectual do indivíduo, uma vez que por meio de sua participação nas salas de aulas, é possível verificar seu grau de aprendizagem (ARAÚJO, 2014, p. 31).

Ser mediador nesse processo, é uma tarefa que exige do professor conhecimentos claros, precisos e seguros sobre o que pode e deve acontecer durante a alfabetização (CAGLIARI, 1999 apud MENEZES, 2006, p.37).

Henri Wallon, em sua teoria, afirma que a criança não é apenas corpo e cérebro, mas também é emoção, ou seja, a criança também precisa receber afeto durante o seu processo de aprendizagem, ou seja, a afetividade e a inteligência são coisas que não podem se separar, pois uma ajuda a outra. Thums (1999) também vai dizer que “não há conhecimento sem sentimento” (THUMS, 1999 apud MENEZES, 2006, p.65).

Até aqui, todas as teorias nos levam ao caminho de que, não tem como as crianças terem um bom desenvolvimento em seu processo de alfabetização e aprendizagem, se não houver o afeto do professor, se não houver esse sentimento e essa interação, pois essa atitude do professor, trará segurança e confiança ao aluno em seu desenvolvimento.

Para Menezes (2006, p. 65-66), “os seres humanos são dependentes do amor [...] e, que se o professor não consegue respeitar o aluno com suas dificuldades e limitações, reconhecendo-os em suas possibilidades, como fazê-lo avançar em sua aprendizagem?”. No próximo tópico abordaremos mais sobre a importância que tem essa interação do professor com o seu aluno, complementando o que foi apresentado até o momento.

1.3 Vivências das interações professor-aluno na alfabetização

Como a relação professor-aluno pode contribuir no processo de alfabetização? Como favorecer um ambiente afetivo dentro da sala de aula e tratar de alfabetização ao mesmo tempo? O professor tem um papel fundamental na vida do aluno, sendo auxiliador em cada necessidade da criança, principalmente, no processo de alfabetização, sendo ele, o início de tudo.

Castanheira (2004) traz uma abordagem sobre o que seria essa interação, sendo ela uma influência entre pares

Inter-ação: inter ‘no interior de dois; entre; no espaço de’ e *ação* ‘ato ou efeito de agir’. Interação, segundo os dicionários: “influência mútua de órgãos ou organismos; ação recíproca de dois ou mais corpos”. O vocabulário *interação* – em expressões como *interação social, interação em sala de aula, interação entre pares, interação com a escrita ou interação discursiva* – traz o significado de que, na vida social e nos diversos espaços em que nos encontramos com os outros, nos usos que fazemos da linguagem falada, nas situações em que usamos a linguagem escrita, realizamos ações que têm consequências para os participantes e que influenciam a maneira como nos vemos e vemos os outros, de que maneira somos vistos pelos outros, e também a maneira como (re)conhecemos significados que as pessoas atribuem aos artefatos culturais que utilizam nesses encontros. (CASTANHEIRA, 2004, s/np)

Diante disso, para que o professor saiba interagir com seus alunos na sala de aula é necessário que ele saiba qual é sua verdadeira identidade e, Arroio (2000) traz essa definição para nós:

Teríamos que conseguir que os outros acreditem no que somos. Um processo social complicado, lento, de desencontros entre o que somos para nós e o que somos para fora [...] somos a imagem social que foi construída sobre o ofício de mestre, sobre as formas diversas de

exercer este ofício. Sabemos pouco sobre a nossa história (ARROIO, 2000 apud LOPES, 2009, p.3).

A partir dessa perspectiva, a visão do professor poderá fazer uma grande diferença na vida do aluno, pois saberá o seu real motivo e qual é a sua missão diante dos alunos. A identidade do professor não se constrói da noite para o dia, mas é um processo que necessita de tempo e investimento. Se o professor soubesse do grande poder que ele tem nas mãos diante de uma sala de aula, ele proporcionaria a investir e a investigar mais, refletindo acerca da importância da afetividade em seu trabalho, de modo a melhorar o processo de aprendizagem da criança.

O que é de extrema importância nessa interação professor-aluno é o diálogo que acontece entre eles, sendo assim, o professor, o mediador do processo de ensino, pode possibilitar grande avanço no desenvolvimento de seus alunos. Freire (2005) nos acrescenta que:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, apud LOPES, 2009, p. 5).

Com base nos conceitos de Vigotski (2001), Filho et al (2009) diz que:

através da imitação na atividade coletiva, orientada pelos adultos a criança está em condição de fazer bem mais, e fazer compreendendo com autonomia. [...] A atividade de fazer com o outro, aprender junto e imitar deve ser reconsiderada no processo do desenvolvimento humano, sobretudo na escola (VIGOTSKI, 2001, apud FILHO et al, 2009, p. 46)

E, de acordo com Lopes (2009),

quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente (LOPES, 2009, p. 5).

Ao observar o ambiente de alfabetização nas escolas, é importante verificar a relação afetiva entre o professor e o aluno. A maioria das crianças que estão nessa fase,

estão construindo a sua própria segurança em seu professor, pois o mesmo lhe direcionará para o processo. Menezes (2006), diz que

Ninguém aceita ser guiado por alguém em que não confie; por outro lado, o guia supõe que suas orientações serão seguidas e que a aventura será bem sucedida. Há, portanto, o pressuposto do sentimento de confiança entre ensinante e aprendiz. Considera-se este ponto fundamental no processo de aquisição da leitura e da escrita, do qual o fator afetivo não pode ser subtraído. (MENEZES, 2006, p. 38)

Logo, cabe ao professor favorecer esse ambiente afetivo e de interação com aluno. Como dizia Paulo Freire (1921-1997): “Não se pode falar de educação sem amor”. Não tem como falarmos de alfabetização se não falarmos em amor. Portanto, devemos favorecer esse ambiente afetivo no processo de alfabetização de cada criança, respeitando as suas diferenças e o tempo que levará esse processo, para que o professor construa grandes avanços no desenvolvimento do seu aluno.

Para Menezes (2006), a interação e intervenção do professor poderá contribuir para a aprendizagem, “ele deve saber entender os comportamentos da criança diante de uma situação de letramento. Deve estar atento ao que a criança consegue fazer, atribuindo os significados necessários para o momento”. (MENEZES, 2006, p. 25-26)

O professor precisa ser compreensivo, entender a realidade e o estado emocional do aluno, de forma que não o prejudique. Se o aluno não estiver bem emocionalmente, ele não vai conseguir focar no seu processo de aprendizagem, por isso, ele depende de total apoio do professor nesse momento, tendo um equilíbrio, tanto no emocional, quanto no cognitivo e, isso pode trazer desenvolvimentos positivos e negativos, dependendo da forma em que o professor interagir com o seu aluno, encerrando ali mesmo toda a sua aprendizagem.

Segundo Mahoney (2004), o desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo precisam estar ligados entre si, para que assim possa haver um equilíbrio em seu processo de aprendizagem,

é preciso também considerar que essa identidade única do aluno resulta da configuração que se estabelece a cada instante entre seus conjuntos motores, afetivos, cognitivos. Isso significa entender que toda e qualquer atividade escolar envolve três conjuntos e qualquer planejamento precisa responder à pergunta: o que esta atividade significa do ponto de vista cognitivo, motor e afetivo, para o aluno? Em outras palavras, no que esta atividade contribui para o desenvolvimento dessa pessoa, dessa personalidade? É preciso então lembrar que o papel da escola não se restringe apenas à instrução, mas

o desenvolvimento de toda a personalidade. (MAHONEY, 2004, apud FILHO et al, 2006, p. 51)

De tudo exposto, retomaremos nossas discussões, no capítulo de análise, o qual veremos como se dá na prática todo esse processo de cognição e emoção dentro da sala de aula, através de experiências relatadas e compartilhadas por alunas do curso de Pedagogia.

2. METODOLOGIA

Neste capítulo abordamos a metodologia utilizada para que esta pesquisa fosse realizada e, para isto, ela está dividida em três seções. Na primeira, tratamos sobre a abordagem metodológica adotada, a Entrevista Narrativa, explicando mais sobre o seu método e aprofundando mais em seu conceito. Na segunda apresentamos as participantes da pesquisa, trazendo um pouco sobre a trajetória profissional de cada uma; e por fim, descrevemos os procedimentos de coleta e análise desses dados.

2.1 – Abordagem Metodológica

A Metodologia adotada para o desenvolvimento deste projeto está baseada em Jovchelovtch (2015) e Bauer (2015), sobre entrevista narrativa. É um método muito espelhado pelas ciências sociais, sendo uma técnica específica de coletas de dados abordada por muitos teóricos, através dos discursos narrativos, das narrativas como histórias de vida, e que será adotado neste trabalho, baseando-se nas experiências e as histórias vivenciadas por futuras professoras, que estão em formação inicial.

A palavra Narrativa vem do latim, *narrare*, que significa relatar, contar uma história, e é isso o que vamos fazer nesta seção, utilizar a entrevista narrativa, criada por Fritz Schutze (2011), através do método de pesquisa qualitativa, para que as experiências e vivências das futuras professoras possam ser compartilhadas por mais pessoas, assim poderemos saber se a afetividade afeta ou não o desenvolvimento na alfabetização, pois a narração inclui um tipo de avaliação de resultado e é isso que vou mostrar no decorrer deste trabalho.

A entrevista narrativa segue um esquema, com algumas características: uma delas é a textura detalhada, em que o entrevistado trará dados bem detalhados sobre o que aconteceu com si mesmo, falando sobre o lugar, qual sentimento que aquele ambiente lhe trazia, quais os motivos que o levaram a ter essas experiências, dentre outras informações detalhadamente; a segunda é a fixação da relevância, nessa característica, o entrevistador trará aquilo que é relevante para ele nos acontecimentos de acordo com a sua visão e perspectiva; e, por último, fechamento da *Gestalt*, em que

o entrevistador irá contar sobre os fatos e os acontecimentos dando início ao começo, passando para o meio do ocorrido e finalizando esses acontecimentos, sendo contados em sua totalidade, do início ao fim.

Sendo assim, neste trabalho a entrevista narrativa se deu por meio de perguntas abertas, que possibilitaram a elaboração de outras no decorrer do processo. As entrevistadas puderam narrar os fatos com profundidade, de forma que elas atingissem os objetivos do entrevistador.

A entrevista partiu das seguintes questões norteadoras:

- a) Para você, como a relação professor-aluno pode contribuir no processo de alfabetização?
- b) Como era a sua relação com seu professor alfabetizador em sua jornada escolar?
- c) Em sua experiência profissional, você consegue enxergar a importância da afetividade no processo de alfabetização? É importante ter essa interação professor-aluno dentro da sala de aula?
- d) A ausência de afetividade entre professor-aluno pode afetar o processo de alfabetização?

2.2 Participantes da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com quatro alunas, do 8º Semestre, do curso de Pedagogia, da Universidade São Francisco de Itatiba, futuras professoras, que estão em formação inicial, com faixas etárias entre 21 e 23 anos de idade.

Para apresentar as participantes e mencioná-las durante a pesquisa, partiremos de nomes fictícios. A escolha dos nomes foram feitas por elas mesmas e, cada uma, fez questão de justificar. A primeira participante, pediu para chamá-la de Carol, pois ninguém a conhece por esse nome. A segunda participante, pediu para chamá-la de Jasmine, pois é o nome de uma princesa da Disney, pela qual, ela se identifica muito. A terceira participante pediu para chamá-la de Abelha, pois era seu apelido carinhoso de quando era mais nova e era assim que as pessoas mais íntimas a conheciam. E a quarta participante, pediu para chamá-la de Débora, pois alguns de seus familiares tinham escolhido esse nome para ela em seu nascimento por causa da personagem da Bíblia, mas no final acabaram escolhendo um outro nome, pelo qual ela é chamada desde o seu nascimento.

Com os nomes definidos, tratamos de apresentar cada uma.

Carol

Tem 21 anos, mora na cidade de Louveira, e ao ingressar na Universidade, no ano de 2017, trabalhava em um escritório de Recursos Humanos, mas decidiu ir em busca de seus sonhos na área da educação, começando a trabalhar como monitora em uma creche particular com convênio com a prefeitura, durante 8 horas por dia. A escola atendia as crianças que ficavam em período integral.

Pouco tempo depois, foi chamada por uma escola da Prefeitura e começou a estagiar na Educação Infantil, como auxiliar de sala, na qual, permaneceu por dois anos, obtendo grandes aprendizados em sua área profissional. Após essa experiência, trabalhou em uma escola particular, na qual, não se adaptou, pois a escola não era parceira com os docentes, apenas optava pelo bem estar dos alunos, que não a obedeciam e ainda a maltratavam.

Com esse choque de realidade, decidiu ingressar novamente em uma escola da Prefeitura, como estagiária, sendo auxiliar de três crianças deficientes, duas no 4º ano do Ensino Fundamental, e uma no 2º ano do Ensino Fundamental, sendo este, um desafio, pois não se sentia apta para trabalhar com crianças deficientes, mas acabou se apaixonando nessa área, porém, por conta da Pandemia, esse trabalho foi interrompido.

Jasmine

Tem 23 anos, mora na cidade de Itatiba, e já em seu primeiro ano na Universidade, em 2017, começou a atuar na Educação Infantil, como auxiliar de uma sala, com crianças de 3 anos de idade, em uma escola particular. Esta primeira experiência foi muito significativa, pois a professora da sala a incluía em todas as atividades que eram realizadas, tendo um grande aprendizado na sua prática docente. No ano seguinte, ingressou em uma outra escola particular, mas no ramo da coordenação, não permanecendo por muito tempo, dando início a um novo estágio em uma creche do município, permanecendo lá por dois anos na sala de Berçário I.

Abelha

Tem 22 anos, mora na cidade de Itatiba, e também ingressou na Universidade, no curso de Pedagogia, no ano de 2017. Adquiriu experiências na Educação Infantil, durante a realização do estágio supervisionado, desde o Berçário I até a Pré-Escola,

ficando cada dia em uma sala e, também, no Ensino Fundamental, no primeiro ano, considerando grande aprendizado com os seus estágios.

Débora

Tem 23 anos, mora na cidade de Itatiba. Sua primeira experiência na Educação também foi no ano de 2017, assim que ingressou na Universidade, começou a trabalhar em uma creche da Prefeitura do Município, sendo auxiliar de uma criança com o diagnóstico de Autista, na qual ainda usava fraldas, não falava e batia nos colegas.

Como essa primeira experiência foi muito impactante em sua jornada, pois, além de não ter poucos meses de estudos teóricos, não teve muita orientação nessa área. Alguns meses depois, foi chamada para trabalhar na APAE (Associação de Pais e Alunos dos Excepcionais), começando aí o início de muito aprendizado, pois teve contato com muitos professores e coordenadores que estavam dispostos a orientar os estagiários, passando o conhecimento junto com a prática.

Atualmente, Débora trabalha registrada em uma escola particular de sua cidade mesmo, na qual, ela aprendeu a se desenvolver em suas aulas, em como planejar conteúdos e analisar dificuldades apresentadas nos alunos.

2.3 – Procedimento para coleta e análise dos dados

Como exposto anteriormente, o presente trabalho contou a participação de quatro alunas do curso de Pedagogia, e se deu pela metodologia da entrevista narrativa.

Cada entrevistada pautou-se em suas experiências adquiridas desde a escolarização básica, até chegar no Ensino Superior, e com a realização dos estágios obrigatórios, bem como suas experiências profissionais, desde o início até agora. Além de relatar as suas vivências no seu processo de alfabetização e sua interação com o professor da sala de aula e como esse processo é importante para a sua atuação profissional, e se o afeto interfere ou não no desenvolvimento da alfabetização da criança.

Inicialmente, a entrevista seria gravada, com o consentimento dos participantes, afinal de contas, gravação é de extrema importância para que nenhuma informação se perca no decorrer das narrativas, e para que a análise dos dados possa ser feita corretamente. Mas devido a pandemia – COVID-19, houve mudança nas coletas dos

dados das participantes. Essas coletas, primeiramente, foram realizadas por meio do WhatsApp, através das perguntas norteadoras para a coleta dos dados. Uma das participantes chegou a gravar um áudio, porém, devido a problemas com o aparelho de celular, a pesquisadora acabou perdendo. Dessa forma, em um segundo momento, todas as participantes, enviaram suas narrativas por e-mail, garantindo que todos os dados ficassem armazenados, com segurança.

Com todas as narrativas em mãos, organizamos um quadro, baseando-se nas questões norteadoras, para melhor visualizar todas as respostas e iniciar o procedimento de análise.

A análise dos dados foi realizada por meio da interpretação das diferentes experiências, identificando as semelhanças e singularidades, o que permitiu identificar a importância da afetividade no processo de alfabetização. Durante este processo, buscou-se também identificar e analisar os termos e expressões utilizadas pelas participantes, como os seus sentimentos, ao relatarem suas experiências, em como a interação ou o desprezo do professor afetou o aluno, e suas opiniões sobre o assunto abordado, separando as respostas obtidas pelas participantes através de seus nomes fictícios, relatando uma parte da fala de cada uma em cada tópico apresentado na análise a seguir.

Dessa forma, foi possível, também, retomar a fundamentação teórica, dialogando com as experiências narradas de cada participante.

3. ANÁLISE E RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados das análises das entrevistas realizadas com as futuras professoras em formação e, para isso, dividimos em dois momentos.

No primeiro, falaremos sobre as relações afetivas no processo de alfabetização, em que cada uma trará seu ponto de vista sobre o quão é importante essa relação do professor com o seu aluno, compartilhando conosco suas experiências com seus professores alfabetizadores em suas jornadas escolares, no decorrer da suas infâncias. E, no segundo momento, abordaremos sobre as primeiras experiências que as participantes tiveram com a alfabetização e, para isso, elas irão compartilhar conosco um pouco de suas experiências profissionais e dos seus estágios supervisionados.

3.1 As relações afetivas no processo de alfabetização

Nesse primeiro momento vale enfatizar e destacar a importância que há nesse processo de alfabetização e, para isso, iniciamos esse diálogo com as professoras em formação, para que elas relatassem sobre suas experiências, mostrando seus pontos de vista.

A primeira pergunta realizada com as participantes foi a seguinte: Para você, como a relação professor-aluno pode contribuir no processo de alfabetização?

Para Carol, essa relação contribui bastante, pois,

“as crianças conseguem aprender mais, a partir do momento em que os alunos se sintam à vontade dentro da sala de aula e acolhidas pelo professor, atraindo-os para si e em sua aula, com isso, eles acabam prestando mais atenção, participam mais e aprendem muito mais. Se essa relação professor-aluno for boa, o aluno tem muitos benefícios, principalmente em seu processo de alfabetização, que é quando as crianças estão começando a sair da Educação Infantil e indo para o 1º ano, começando a ler e a escrever algumas letrinhas, em geral, porque o nome muitos já vão sabendo. E sair de uma Educação Infantil onde é totalmente afetivo, é abraço, é beijo, é colo, e vai para o Fundamental, começar a alfabetização, para eles é um choque muito grande, é uma mudança muito grande. Então, a afetividade, a relação professor-aluno sendo afetiva, sendo acolhedora, acolhendo os alunos pode contribuir imensamente para o processo de alfabetização”. (CAROL)

De acordo com a participante, as crianças estão em fase de mudanças e adaptações, pois elas estão saindo do ambiente da Educação Infantil, onde as crianças são menores, todas podem sentar em rodas, a escola é totalmente decorada, seus corredores, suas portas e seus painéis são decorações temáticas e, quando estão indo para o ambiente de Ensino Fundamental, em que as crianças já são maiores, não tem tanta decoração assim pelos corredores da escola, as cadeiras são enfileiradas, produzindo a aparência de uma escola tradicional, e o lúdico, infelizmente, acaba se perdendo no decorrer dessa fase. E o contato próximo que o aluno tinha com o professor já não é mais o mesmo.

Jasmine destaca que a criança passa a maior parte do seu tempo na escola, com uma relação direta com o professor, sendo ele, praticamente, a referência e pessoa de confiança para a criança. O professor é quem irá incentivá-la, ajudá-la nas dificuldades, a corrigir os erros, a resolver alguns conflitos, e na alfabetização não seria diferente, sendo um processo fundamental para a criança.

“Eu tenho um aluno na sala em que eu estou que teve uma lacuna enorme nesse processo de alfabetização, porque ele não teve isso dos professores que ele tinha. E conversando com os pais, eles me disseram que a criança precisou mudar de escola umas três vezes nesse período de alfabetização, então ele não teve tempo de ter esse vínculo com o professor, uma relação que pudesse dar a confiança dele, principalmente, nessa época de alfabetização. E ele foi se alfabetizar agora, no 3º ano, com a sua mãe, pois a mesma é Pedagoga. Então podemos ver o quão fundamental é essa relação”. (JASMINE)

Jasmine disse que também seria o professor quem iria compreender a necessidade do aluno, ajudando-o a enfrentar algum medo que ele tem ali ou alguma dificuldade, identificando que daquela forma o aluno não aprende, mas que de outra forma ele consegue aprender. Sendo fundamental essa relação, não apenas na alfabetização, mas no início dessa aprendizagem, tanto no Infantil, quanto no Fundamental I, essa relação é indispensável, sendo uma relação boa, não uma relação ruim, de desprezo, de ranço, julgando e chamando o aluno de problemático, é uma relação professor-aluno que seja boa e positiva.

Para Abelha,

“essa relação é importante na alfabetização por conta do contato que é preciso ter diretamente com o educando e, quanto mais próximo o educador estiver, mais fácil será alfabetizar. Como futura Pedagoga, acredito que uma relação próxima entre professor-aluno deve ocorrer em toda a trajetória escolar e, não somente nesse

momento de aprendizagem, pois a forma com que você for tratado nesse momento, ficará marcado para o resto da vida. O professor tem um importante processo na vida do aluno, pois ele vai passar boa parte do seu dia ao lado desse, então, é necessário não apenas uma relação de respeito, mas também cumplicidade e amor”. (ABELHA)

Assim, como já foi abordado nos tópicos anteriores, complementando a fala da nossa participante, “todas as decisões planejadas e desenvolvidas pelos professores produzem fortes impactos afetivos nos alunos, mesmo quando os docentes não estão fisicamente presentes na situação, como ocorre nas relações face a face” (LEITE, 2012, p.359). Ou seja, se o professor pode causar marcas positivas na vida de um aluno, se sua relação for boa, então ele também pode causar marcas negativas, se a sua relação for ruim.

Na visão de Débora,

“essa relação é muito importante para o desenvolvimento de ambos, na questão de ensino e aprendizagem. Quando o professor consegue criar uma relação de afinidade com o aluno, ensiná-lo e orientá-lo se torna um processo bem mais simples e dinâmico. O primeiro vínculo que o aluno tem na escola é o professor alfabetizador, criando uma boa relação, facilitará que o aluno crie gosto por aprender algo tão novo, por isso, afetividade é muito importante”. (DÉBORA)

Podemos observar que as participantes veem o quanto essa relação professor-aluno é de extrema importância nesse processo de alfabetização, pois podem construir uma jornada juntos. Todas também dizem o quanto é importante o professor saber orientar os seus alunos através do afeto e, quando essas futuras professoras dizem sobre o Afeto, não estão se referindo apenas ao contato físico do abraço, do beijo, do toque carinhoso e de palavras bonitas. Elas se referem ao olhar sensível que o professor tem que ter com o seu aluno. Essa relação envolve mais o emocional do que o físico. Mas, que fique bem claro que ambos são essenciais no desenvolvimento do aluno.

A segunda pergunta realizada com as participantes foi a seguinte: “Como era a sua relação com seu professor alfabetizador em sua jornada escolar?”

Carol relata para nós como foi a sua experiência com sua professora, dizendo que não tem grandes lembranças sobre sua professora alfabetizadora, mas que pelo pouco que se recorda, ela era muito atenciosa e paciente, sendo extremamente afetiva, fazendo todos os alunos terem vontade de ler cada vez mais. “Creio que ela foi uma das principais influenciadoras de leitura em minha vida, no entanto que carrego esse hábito até hoje”.

Um bom exemplo de afetividade e de uma boa relação que o professor tem com seu aluno é quando vimos os resultados dessa interação, quando o aluno é influenciado por seu professor, carregando consigo, os reflexos obtidos em sua infância.

E não foi diferente com a Jasmine, pois ela nos conta que sua experiência com seu professor alfabetizador, foi em sua antiga 1ª série, sendo mais ligada com a admiração que ela tinha por sua professora. Jasmine lembra que ela era muito carinhosa, atenciosa, e isso a cativava, sendo sua inspiração no gostar de ser professor. Mas ela relata que alfabetização começou na pré-escola, na qual ela estudava em uma escola particular, na cidade de São Paulo. Jasmine recorda que nessa época ela foi até a Rainha da Leitura, toda a semana a professora fazia uma leitura e pedia para os alunos fazerem algumas leituras e se eles conseguissem realizar, ganhavam uma faixa para levarem para casa, na sexta-feira, ficando o final de semana com essa faixa. A relação dessa professora com os alunos era bem carinhosa, acolhedora e paciente, conta Jasmine. Ali existia muito afeto e a participante tinha muitas recordações boas dela.

Abelha nos conta que iniciou a sua primeira série no ano de 2005 e lembra que sua professora era muito dedicada e carinhosa com todos os alunos, e relata:

“Fui alfabetizada pelo método da cartilha e ainda me recordo de como essa educadora foi importante e eficaz para eu aprender a ler e a escrever. A sala em que eu estudava era super organizada, ainda guardo na lembrança as cores do alfabeto em cima da mesa de giz, também me recordo das imagens que a professora deixava exposta na lousa para exercitarmos a imaginação e escrever. Acredito que toda a atenção dessa Pedagoga foi necessária para que atualmente eu seja tão fascinada pelas letras e pelo incrível mundo que a leitura proporciona a um leitor”.

(ABELHA)

Débora compartilha conosco sua experiência no antigo Pré II, e destaca que sua professora

“era muito afetiva, sorridente e sempre a disposição dos alunos. Não lembro muito das aulas, mas lembro das brincadeiras e momentos de desconcentração que ela proporcionava. Seu método era muito bom, mas o que a diferenciava era sua afetividade, tanto que lembro que saí do Pré II alfabetizada, além de ter aprendido as operações matemáticas de soma e subtração”. (NICOLE)

Podemos ver que todas as participantes tiveram uma excelente relação com suas professoras e isso interferiu de um modo positivo em suas vidas e algumas até as influenciaram profissionalmente, em suas escolhas. Todas trazem memórias boas de suas vivências com suas professoras alfabetizadoras, “a memória é um elemento central na formação da identidade, capaz de conduzir elementos para a construção da

felicidade” (OLIVEIRA et al, 2018, p. 5), ou seja, todas as experiências vividas na infância dessas professoras em formação, que ficaram em suas memórias, fizeram parte da construção da identidade de cada uma.

3.2 As primeiras experiências com a alfabetização

Nesse segundo momento, as professoras em formação relataram suas experiências profissionais dizendo sobre a importância da afetividade na alfabetização e como é importante ter essa interação professor-aluno dentro da sala de aula, pois essa ausência de afetividade pode afetar esse processo do aluno, causando impactos ruins e negativos.

A terceira pergunta realizada com as participantes foi a seguinte: “Em sua experiência profissional, você consegue enxergar a importância da afetividade no processo de alfabetização? É importante ter essa interação professor-aluno dentro da sala de aula?”

Carol diz que essa relação entre professor e aluno é fundamental nesse processo de alfabetização, pois um bom relacionamento entre ambos facilita esse processo de ensino-aprendizagem.

“Creio que o afeto que o docente tem para com a criança, estimula muito mais o aprendizado, quando digo afeto, não me refiro apenas à carinhos e abraços, mas a atenção e paciência, compreendendo a criança em sua totalidade e entende-la em todas as suas especificidades. É muito importante que haja essa relação de afetividade dentro da sala de aula, deixando o aluno com vontade de aprender, com vontade de estar ali na escola. Um professor extremamente ríspido, digo até que grosso com seus alunos, promovendo medo neles e, medo até de perguntarem algo. Creio que ao alfabetizar uma criança, o professor precisa lançar mão de afeto, paciência e carinho, ao aplicar as atividades e ensiná-los”. (CAROL)

Jasmine traz um relato de sua experiência realizada em seu estágio supervisionado, com a sala do 1º ano do Ensino Fundamental, ela diz que a professora era um amor e que sua relação com seus alunos era surreal e de um respeito mútuo fora do comum, ficando espantada, pois, logo no 2º Semestre, todas as crianças já sabiam ler e escrever, apenas duas crianças possuíam mais dificuldades.

“Com certeza o afeto não faltou ali, nem a paciência, o respeito, a compreensão quanto ao tempo de cada um, perseverança, dedicação, principalmente para aqueles

que ainda tinham dificuldades (realizando algumas atividades paralelas as de costume, para auxiliá-los em suas dificuldades). A autonomia que ela permitiu a eles na sala de aula, a parceria dela com os alunos e dos alunos com outros alunos. Acredito que no processo de alfabetização isso é essencial, para que a criança sinta esse afeto de ser ouvida, compreendida, cuidada, respeitada e importante". (JASMINE)

Ao olharmos essa fala da participante, realmente, a criança precisa se sentir aceita, ela precisa sentir que faz parte daquele ambiente e que ela pode se sentir a vontade nesse ambiente escolar, para que assim, ela possa se desenvolver com mais facilidade.

Abelha compartilha conosco sua experiência referente ao seu 3º semestre da Universidade, em uma matéria em que ela aprendeu muito sobre a alfabetização. Ela conta que se surpreendeu em como a criança desenvolve a sua linguagem quando há um estímulo do professor, começando a observar mais essa teoria, na prática, em seus estágios supervisionados, realizados na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

Abelha conta:

“Observando as crianças da Pré-Escola percebi que quando eu sentava ao lado de um aluno que apresentava dificuldade e explicava as vogais, as letras do alfabeto, os mesmos começavam a compreender a lição que a professora da sala havia passado para eles, conseguindo realizar as tarefas, o que me deixou feliz e grata, pois com a minha ajuda, os alunos tinham conseguido superar as dificuldades, que antes, era um obstáculo. Em diversos momentos de observação no estágio, passei a refletir sobre as seguintes questões: Será que o que está faltando nas instituições para que o aluno aprenda, não é uma relação afetiva do professor para com os educandos? Será que o que está faltando não é alguém paciente que os ensine e os ajude na tarefa que não conseguem compreender? Cheguei a conclusão de que cada um tem um tempo específico no processo de aprendizagem e não é porque o Aluno A aprendeu antes que o Aluno B, que este é mais inteligente e capaz, pois cada um tem o momento certo de adquirir e absorver o aprendizado do professor”. (ABELHA)

A participante disse que, muitas vezes, o que faltava dentro da sala de aula, é a paciência do professor em relação a ensinar seus alunos, fazendo com que isso atrapalhe e atrase o seu desenvolvimento escolar. Podemos até pegar esses questionamentos realizados por Abelha e fazê-los conosco, para vermos se estamos no caminho certo ou se estamos errando em algo.

Débora relatou sua experiência de um estágio obrigatório em que ela realizou na Fase 2 (entre 4-5 anos de idade) em que a professora da sala não era nada afetiva, ela diz que os alunos choravam enquanto ela gritava e não conseguiam aprender nada. A participante disse que um ano depois algumas dessas crianças ingressaram na escola em

que ela atua e conseguiu ver essa comparação com os outros alunos, pois estes alunos que tiveram aula com essa professora estavam muitos atrasados e, essa experiência a fez crer que a afetividade é extremamente importante para o desenvolvimento da aprendizagem da criança.

O importante é que as participantes puderam trazer suas experiências de trabalho, em seu cotidiano, e puderam trazer suas experiências dos seus estágios supervisionados, tendo um olhar mais amplo sobre as situações que ocorriam dentro da sala de aula.

A quarta pergunta para as participantes foi: “A ausência de afetividade entre professor-aluno pode afetar o processo de alfabetização?”

Todas as participantes falaram, com toda a certeza, de que essa ausência de afetividade pode afetar o desenvolvimento e o processo do aluno no decorrer de seu aprendizado na alfabetização. Nicole diz que sua aprendizagem foi afetada por conta desses professores que não eram afetuosos com seus alunos.

Carol diz que essa é a fase em que as crianças estão em adaptação, e, como ela já disse em uma questão anterior, as crianças estão saindo da Educação Infantil e indo para o Fundamental e, isso é uma mudança gigantesca, com coisas diferentes, escola diferente e, o professor do Fundamental já tem outra característica, sendo totalmente diferente do professor de Educação Infantil, pois já não existe mais aquela coisa de abraço, algo mais afetivo, como era antes e, isso a criança sente muito.

A participante diz que para que possa ocorrer um bom processo de aprendizagem, essa afetividade do professor com o seu aluno deve ser muito válido, não apenas na questão do abraço, do colo e do beijo, mas também em relação a sensibilidade que esse professor deve ter, se atentando para o olhar mais sensível à esse aluno, entendendo que cada aluno tem o seu tempo de aprendizagem e que cada um tem a sua forma de aprender, e que nem todos vão sair do 1º ano sabendo ler e escrever, mas o olhar sensível do professor deve permanecer nesse ambiente de interação com o seu aluno.

Jasmine disse que esse é o processo em que o aluno estaria aprendendo, completamente, algo novo, os recursos linguísticos, gramaticais, até em como se comunicar com o mundo que ele vive, o aluno também vai aprender a escrever, a ler, então, é um meio de comunicação principal que ele terá para viver a sua vida, tanto no agora, quanto no futuro, e se ele não aprender isso de uma forma afetiva, e não sendo apenas o afeto de amor, de dar abraço, mas é um afetivo do professor considerar esse

tempo que o aluno pode levar para se alfabetizar, considerar que o aluno vai ter alguma dificuldade em alguma questão, então o professor precisaria repensar em alguma outra forma de ajudar o aluno a desenvolver aquela habilidade.

Para Jasmine é preciso se colocar no lugar do aluno e entendê-lo, pois, pode ser que o aluno não está bem naquele dia, e nós, já adultos, temos isso, não é todo dia que estamos bem, sendo vários fatores em que o afeto entra. É também importante criar uma amizade com o seu aluno, de muitas vezes, quando ele precisar de alguém para confiar algo, é mostrar a ele que você pode ser aquela pessoa, desabafando algum problema, algum sentimento, alguma situação que ocorreu em casa.

Ambas as participantes, Carol e Jasmine, dão ênfase nesse processo da criança, em que elas estão dando início a algo novo em suas vidas, uma nova fase, uma fase de adaptação e mudanças e se os alunos não se sentirem seguros a isso, eles poderão criar grandes obstáculos em seu processo de alfabetização. Sendo assim, corroborando com Menezes (2006), que as pessoas só aceitam serem guiadas por quem elas confiam, caso contrário, será algo impossível, pois uma barreira ali é formada. Por isso é tão importante o professor passar essa confiança para seu aluno, pois essa confiança vai depender do bom andamento e do bom desenvolvimento do aluno. E, como vimos anteriormente, o professor precisa estar atento e perceber o estado que o aluno está, pois é necessário ter um equilíbrio tanto no emocional, quanto no intelectual da criança.

Abelha diz que é preciso ter cumplicidade para que o aprendizado do educando possa ocorrer, pois se o educador sempre enfatizar que o aluno nunca irá aprender, como ele poderá desenvolver as suas habilidades da melhor maneira? Não se trata apenas de estar ali do lado e ensinar o educando, afinal de contas, a profissão de um Pedagogo vai além disso, sendo preciso acreditar, apoiar e ajudar, olhando nos olhos dos seus alunos e fazendo-os sentir que você estará ali com ele em todo o tempo.

Durante a nossa conversa, Abelha lembrou de sua experiência ruim que teve na 6ª série do Ensino Fundamental, com sua professora de Língua Portuguesa, que não demonstrava afeto com seu alunos. Ela nos conta que essa fase foi bem no início em que começaram a ter um monte de professores e foi bem nesse período que conheceram ela, lembrando até de seu nome.

“Quando ela chegou, não deu para conhecer direito a sua forma de lecionar, mas conforme o tempo foi passando, fomos descobrindo o jeito que ela dava aula”, disse Abelha. Nas aulas dessa professora, Abelha lembra que utilizavam muito o Livro Didático, faziam muitas cópias e, liam um livro por semana, precisando fazer um

resumo de tudo o que tinham entendido daquele livro para apresentarem para a sala toda.

“Para mim era muito difícil, sendo um tormento, pois eu era extremamente quieta e tímida e não gostava de falar, passando mal em todas as vezes que eu tinha que apresentar. A professora exigia muito de mim, mas também de outros alunos da sala, no entanto, que no dia das apresentações, muitos alunos começavam a passar mal, tinham tremedeira, alguns choravam e, mesmo assim, a professora olhava e dizia: Vocês vão ter que apresentar!” (ABELHA)

Com essa fala de Abelha, podemos ver os impactos ruins que um professor pode causar em seu aluno, e desde a infância, por causa dessas experiências, ele pode desenvolver alguns medos e traumas emocionais.

A participante ainda relata que essa professora tinha três alunos que ela protegia, podendo fazer as tarefas de qualquer jeito e ela nem ligava. “No meu caso, fui a aluna que era humilhada. Não foi uma época fácil, foi muito difícil e lembrar dela não é uma experiência muito boa. Mas ela me ajudou a ser Pedagoga, para eu não ser como ela, Não é possível um professor ser da forma que ela era”. Abelha diz que teve um trauma muito grande nessa época, pois além da professora que sempre a humilhava, os seus colegas também não gostavam dela, sofrendo muito bullying, sendo muito difícil conversar com alguém na sala de aula.

“Quando nós, alunos não conseguíamos apresentar ou ler o que ela estava pedindo, a professora dizia não eramos bons o suficiente, que tinham que nos esforçar mais, pois não compreendíamos o que ela estava dizendo. Como tenho a língua presa, troco o ‘bl’ por ‘br’, e isso era bem constrangedor, pois ela pegava muito no meu pé e falava para eu falar direito, mas ela não dizia apenas para mim, mas para a sala inteira ouvir e eu me sentia muito mal, achando que realmente eu era muito ruim”. (ABELHA)

A participante disse que não compartilhava isso com ninguém, nem com seus pais e nem com a direção da escola, pois a direção nunca resolvia os problemas mesmo, então ela decidiu ficar calada. Ela nunca recebeu ajuda de sua professora, ao invés de receber ajuda e apoio, recebia risos sarcásticos e humilhações na frente de toda a sala.

Abelha relata que precisou ler um livro chamado “Um Coração Singelo”, e como sua linguagem era bem difícil de interpretar, também não conseguia se expressar, dizendo o que tinha entendido dessa leitura. Com medo ela começou a falar bem baixo em sua apresentação e a professora começou gritar para ela falar mais alto e todos os

alunos começaram a rir da cara dela. Isso fez com que ela se retraísse, não conseguindo dizer nada e a professora ainda disse a ela para voltar para o seu lugar, pois não sabia ler nada do livro e que também não queria mais ouvir sua voz durante aquele dia, pois como ela não tinha conseguido falar do livro, então não era mais para ela falar. “Depois dessa ocasião, quando outra aluna apresentou ela ainda me disse: ‘Olha, é assim que se faz, você deve aprender com ela’. E isso ficou muito presente durante toda a época do Ensino Fundamental, nunca esqueci desse dia”.

Abelha contou várias experiências ruins que teve ao decorrer desse ano escolar, dentre elas, em que a professora fez ela apagar umas cinco vezes um texto, levando-a na sala da outra turma que a professora iria dar aula, para que pudesse terminar de escrevê-lo e, como sempre, atrás de humilhações. Suas notas sempre eram baixas e a professora sempre dizia para todos não serem iguais a Abelha. E isso causou impactos negativos em sua fase escolar, fazendo-a se calar e ter dificuldades em tudo o que ela fazia.

“Sempre quando eu ia fazer uma prova ou uma atividade, eu dizia: ‘Eu não consigo fazer porque sou muito ruim’. Foi bem difícil acreditar na minha capacidade. No entanto, que ao fazer o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e por não ter passado, entrei em depressão por achar que a culpa era toda minha, vindo à tona toda essa situação do meu passado no Ensino Fundamental. Hoje eu não me culpo mais, mas durante um bom período da minha vida, esses traumas foram diários em minha vida, pois tudo o que acontece em nossa vida, a gente aprende depois, pois apesar das dificuldades, um dia você vai entender o porquê que tudo aconteceu”.
(ABELHA)

Como vimos, a experiência de Abelha foi muito ruim para o seu processo de aprendizagem no decorrer do seu ensino escolar, quando ela estava passando por essas humilhações vindas de sua própria professora, ela chegou a não acreditar mais em si mesma, mas a participante pegou essa experiência ruim e transformou em algo bom, escolhendo o curso de Pedagogia como carreira, para poder fazer a diferença na vida de seus alunos e não ser igual essa professora que ela teve.

Mas, nem sempre experiências negativas podem possibilitar a busca de outras oportunidades. Sendo assim, esse relato nos leva a refletir sobre o nosso papel quanto professor e que nossas atitudes, até mesmo muitas vezes ingênuas, pode mudar o futuro de uma criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu do objetivo de abordar a importância da interação afetiva entre professor-aluno no processo de alfabetização, de modo que, os futuros docentes, entendam que é possível, sim, ter esse ambiente afetivo dentro de uma sala de aula.

Com os resultados apresentados na análise, fica evidente que o nosso objetivo foi alcançado, pois pudemos, através da Fundamentação Teórica e das entrevistas realizadas com as participantes, mostrar que o ensinar, está totalmente ligado a área emocional, ao afeto, ao olhar sensível que o professor deve ter com o seu aluno, tendo um equilíbrio entre ambas as partes, para que assim, o aluno possa ter um bom desenvolvimento em seu processo escolar.

Desde o início, com a escolha dessa temática e com algumas experiências negativas durante a Educação Básica e até mesmo profissional, acreditava-se na importância da empatia e a boa relação professor-aluno no processo de alfabetização.

Ao abordarmos sobre a Alfabetização e o Letramento, como tópicos iniciais para esse início de conversa, pudemos compartilhar os conceitos de que os dois estão interligados uns nos outros e que o processo de alfabetização não implica apenas no conhecimento das letras, em ler e em escrever. A alfabetização é dominar o código, mas é preciso saber usá-lo nas mais diferentes situações. Sendo assim, é preciso alfabetizar letrando. O letramento é mais amplo.

Dessa forma, ao trazer para a discussão do afeto no processo de alfabetização, é estabelecer uma boa relação entre aluno e professor e o mais importante, é ter o olhar sensível e respeito por cada aluno.

Com essa pesquisa, esperamos contribuir de forma satisfatória na vida do profissional, de modo que ele entenda a importância do seu papel afetivo na vida do aluno que está em sua fase inicial da alfabetização, desenvolvendo essa interação afetiva no processo de ensino.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bo-bu / Luiz Carlos Cagliari. – 2. ed. – São Paulo: Scipione, 2009. (Colaço pensamento e ação na sala de aula).

CASTANHEIRA, M. L. Aprendizagem contextualizada: discurso e inclusão na sala de aula. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004. Acesso em: 22 de set. 2020. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/interacao>

FILHO, Irineu A. T. V; PONCE, Rosiane F; ALMEIDA Sandro H. V. As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotski e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola. *Psic. da Ed.*, São Paulo, 29, 2º sem. de 2009, pp. 27-55. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000200003. Acesso em 23/09/2020

JOVCHELOVTCH, Sandra; BAUER, Martin W. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. Capítulo 4: Entrevista Narrativa - 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/6928454/Pesquisa_Qualitativa_Com_Texto_Imagem_e_Sm. Acesso em novembro de 2019.

KLEIMAN, Angela B. Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: Cefiel – Unicamp; MEC, 2005, p. 5- 60.

LEITE, Sergio Antonio da Silva. A afetividade nas práticas pedagógicas. *Temas em Psicologia*, vol. 20, núm. 2, dezembro, 2012, pp. 355-368. Sociedade Brasileira de Psicologia. Ribeirão Preto, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751440006>. Acesso em setembro de 2020

LEITE, Sergio Antonio da Silva. O processo de alfabetização escolar: revendo algumas questões. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 449-474, out. 2006. ISSN 2175-795X. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1659>>. Acesso em: 17 set. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.

LOPES, R. C. S. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>. Acesso em novembro de 2019.

MENEZES, Maria C. B. **Desenvolvimento cognitivo e afetivo: Implicações no processo de alfabetização e letramento.** Universidade Estadual de Maringá, 2006. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2006-Maria_Christine_Menezes.prn.pdf. Acesso em novembro de 2019.

MOREIRA, C. M. Os estágios de aprendizagem da escritura pela criança: uma nova leitura para um antigo tema. **Linguagem em (Dis)curso.** Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 359-385, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n2/07.pdf>. Acesso em novembro de 2019.

OLIVEIRA A. C. C; MOURÃO N. M; MACIEL R. C. **Lembranças afetivas na vivência humana contemporânea**. Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG, 2018. Disponível em: <http://www.ppgeduc.uemg.br/wp-content/uploads/2018/11/LEMBRAN%C3%87AS-AFETIVAS-NA-VIV%C3%8ANCIA-HUMANA-CONTEMPOR%C3%82NEA.pdf>. Acesso em Novembro de 2020.

SOARES, Magda. Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG / Faculdade de Educação / **Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita-CEALE**. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso em 22/11/2019.

SOARES, Magda. Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG / Faculdade de Educação / **Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita-CEALE**. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento>. Acesso em 22/09/2020.

ANEXO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (1ª via)

O PAPEL DA INTERAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR-ALUNO NA ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE PROFESSORAS EM FORMAÇÃO INICIAL

Eu,,
R.G., abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora Miriã Soares Ciaparin do curso de Pedagogia da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é abordar a importância da interação afetiva entre o professor-aluno no processo de alfabetização, de modo que entendam que é possível, sim, ter esse ambiente afetivo dentro de uma sala de aula;
- 2 - Durante o estudo serão aplicados os instrumentos: a entrevista, com duração aproximada de 45 minutos;
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4 - A resposta a estes instrumentos não apresenta riscos conhecidos a minha saúde física e mental, mas se essas experiências forem ruins pode ser que cause um pouco de desconforto emocional ter que reviver algumas lembranças do passado;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, situado à Av. São Francisco de Assis, nº 218, bairro: Cidade Universitária, Cep: 12916-900, Bragança Paulista/SP para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548981 ou e-mail: comite.etica@saofrancisco.edu.br.
- 8 - Poderei entrar em contato com os responsáveis pelo estudo, Miriã Soares Ciaparin e Profª Juliana Bacan Zani, sempre que julgar necessário pelos telefones (XXXXX); e-mail: XXXXX
- 9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Itatiba, ____ de _____ de 2020.

Assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador responsável: